



CIDADES: UMA IDEIA, UM PERCURSO, MUITOS APRENDIZADOS

MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPÓSITO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

PRESIDENTE PRUDENTE, DEZEMBRO 2024

Nem sempre encontramos um bom fio da meada para desenrolar o novelo das experiências, desafios e vivências que tivemos num percurso e cá estou eu postergando o registro de meu depoimento sobre os vinte anos da revista Cidades.

Com certeza, minha dificuldade decorre de haver muitos fios para serem puxados e muitos modos de registrar a pequena grande história dessa revista porque, como tudo na vida, não há um plano único, mas um poliedro que nos coloca diante de escolhas.

Escolho o mais simples: um registro de fatos, acontecimentos, encruzilhadas vividas pela revista, cujo relato – é evidente – não é neutro nem imparcial. Os vinte anos decorridos oferecem a possibilidade de um olhar retrospectivo, a partir do qual seleções conscientes ou inconscientes são feitas. Oferecem, também, a oportunidade de, por meio do balanço, vislumbrar devires para essa publicação.

Começava um novo milênio, estávamos embalados pela ideia de organizar uma publicação que pudesse veicular artigos sobre a cidade e o urbano, a partir de uma perspectiva geográfica e crítica. Envolvidos em muitas frentes de trabalho, demorávamos para dar corpo a uma proposta.

Em algum momento do ano de 2002, estando em Brasília, em função da participação na comissão de avaliação dos programas de pós-graduação em Geografia, Maurício de Almeida Abreu, Pedro de Almeida Vasconcelos e eu conversávamos, animadamente, durante o almoço, sobre como apresentar a proposta aos demais colegas do Grupo de Estudos Urbanos – Ana Fani Alessandri Carlos, Jan Bitoun, Roberto Lobato Corrêa e Silvana Maria Pintaudi. Na mesma noite, fazendo valer minha personalidade que sempre corresponde à imagem que tenho de secretariar, coloquei no papel as primeiras ideias que animaram meus amigos e, depois, foram, por meio de muita troca de mensagens, revisadas, aperfeiçoadas e aprovadas pelos sete.

Estávamos em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Claro e Presidente Prudente. As revistas ainda eram, majoritariamente, publicadas no suporte papel e não queríamos que ela se vinculasse a nenhuma das instituições a que pertencíamos – UFPE, UFBA, UFRJ, USP e Unesp. Criamos uma revista suprainstitucional, financiada pelos grants das bolsas do CNPq de alguns de nós e, sobretudo, levada a cabo pelo nosso trabalho e de pós-graduandos que viram um valor na proposta.

A escolha do nome da revista resultou de um fato pitoresco. No documento, cujo arquivo ainda guardo, datado de 29 de março de 2002, havia, entre diferentes pontos a serem objeto de decisão, sugestões de nomes. Eram eles: Revista Brasileira de Geografia Urbana; Geografia Urbana; Urbano e Cidade, Urbi, Urbe, Cidades, Urbanicidade. Eu gostava mais do último, mas uma manifestação daqui, outra dali, confluímos para Cidades. Passados uns anos, numa das reuniões da Comissão Editorial, Ana Fani perguntou: “Afinal, por que mesmo não ficamos com o nome de Urbanicidade?” Um olhou para a cara do outro e concluímos que teria sido um nome ótimo, mas não foi o escolhido...

O primeiro número foi lançado durante o Simpósio Nacional de Geografia Urbana – Simpurb – ocorrido em Recife em 2004. A capa da revista, branca com desenho e letreiros em rosa, causou algum frisson, afinal essa imagem talvez não correspondesse muito ao perfil intelectual que se desejava para ela. Penso que foi inovadora também desse ponto de vista.

Os números se sucediam num tempo em que a correspondência com os autores se fazia por e-mail, mas também por cartas; os originais eram impressos e arquivados em pastas; a revisão de línguas portuguesa e inglesa era realizada com correções em vermelho no texto impresso e a distribuição se fazia em pacotes embrulhados em papel pardo com a indicação IMPRESSO para se pagar menos nos Correios.

Os avanços vieram do ponto de vista do conteúdo e da forma. Os números temáticos foram propostos e organizados, os esforços para internacionalizá-la se ampliavam, os critérios de avaliação eram aperfeiçoados e a régua para aprovação dos artigos foi-se elevando. Depois de muito debate interno, os números passaram a ser publicados em papel e online para, na sequência, tornarem-se exclusivamente online; a revista foi instalada em plataforma digital e o processo de tramitação passou das cartas e mensagens para um ambiente virtual adequado.

Houve muitos impasses: Devemos aceitar que orientadores assinem os artigos de orientandos? Textos sem clara contribuição teórica devem ser publicados? Os que não demonstram perspectiva crítica valem a pena para nossa revista? Mudando a responsável pela editoria, a revista deve mudar de plataforma? Deve se vincular a uma instituição? Não eram meras perguntas.

Essas indagações revelavam as mudanças pelas quais a própria Universidade vinha passando. Indicavam que, nas bandejas da balança em que oscilam qualidade e quantidade, os indicadores adotados em diferentes âmbitos da avaliação acadêmica pendiam para o segundo polo do par. Mostravam que a autonomia que desejávamos,

do ponto de vista institucional, talvez não fosse consecutiva. Evidenciavam que, para continuar, era preciso mudar, aceitar, desde que fôssemos capazes de manter o esforço para distinguir o essencial do secundário.

Nesse caminho, o GEU também passava por alterações. Logo no começo, fomos fortalecidos pela entrada de Marcelo Lopes de Souza que, muitos anos depois, se afastaria do grupo. Vivemos, com uma dor indizível, a morte de Maurício de Almeida Abreu. Enfrentamos dificuldades para manter Roberto Lobato Corrêa entre nós. Discutimos sobre as descontinuidades que a revista vivia, chegamos a decidir pelo fim dela e, depois, tomamos a decisão certa de lutar pela sua renovação.

Como editora dos dezessete primeiros números da revista acompanhei, cotidianamente, as mudanças pelas quais passou, refleti sobre elas e, em algumas poucas situações, fiquei na situação incômoda de aceitar e colocar em prática a vitória de um ponto de vista diferente do meu, mas que correspondia à posição majoritária da comissão. A maravilha que o tempo nos propicia é de amadurecer, minimizar o peso que as dificuldades expressavam e valorizar a ideia de futuro, como continente do novo.

Muitas possibilidades desenham-se para a revista Cidades. Desejo que os pesquisadores que estão à frente dessa publicação, no momento sob a liderança de Igor Catalão, divirjam, polemizem, façam escolhas ousadas, abram-se para um mundo como um rizoma que seja capaz de dar maior ênfase às intercomunicações entre pesquisadores, às linhas de pensamento, aos campos disciplinares interessados na cidade e no urbano. Sejam mais plurais que singulares, mas sem perder de vista o que é o mais importante para uma revista que deseja contribuir para a leitura, ou seja, a crítica e a superação dos desafios urbanos contemporâneos.